

AS AÇÕES DO PADRE IBIAPINA NOS SERTÕES DO NORDESTE⁹⁶

FATHER IBIAPINA'S ACTIONS IN THE NORTHEASTERN BACKLANDS

Osicleide de Lima Bezerra⁹⁷

“Deus – amor; Jesus – caridade; trabalho – alegria; sofrer
– gozar; silêncio – prudência; humildade – juízo”.
(Escritos nas portas das Casas de Caridade)

“Padre Ibiapina: advogado, pastor e... Pai dos órfãos”. Este é o título de um cordel de Manoel Monteiro, produzido em Campina Grande (PB) em 2006. José Antônio de Maria Ibiapina⁹⁸, o Padre Ibiapina (1806-1883), nasceu na cidade cearense de Sobral, foi deputado, advogado, juiz de direito. Aos 47 anos decide abandonar a vida civil e se torna padre indo posteriormente peregrinar pelos sertões do Nordeste brasileiro a fim de construir “uma obra de assistência e educação, a fim de curar o operário e preparar para fins domésticos a mulher pobre dos sertões” (MARIZ, Celso, 1997, p.114). Ele teria sido, conforme um de seus principais biógrafos, um homem “profundamente preocupado em combater a ociosidade, a negligência, os vícios e os crimes” (MARIZ, Celso, 1997, p.116). O cordel de Manoel Monteiro conta:

Aos 26 anos tinha
Anel de doutor na mão
E u'a moça bonita
Plantada no coração,
Só que a bela Carolina
Envolveu Ibiapina
Com os laços da traição

⁹⁶ O texto que segue é uma sinopse da tese intitulada “Trabalho, pobreza e caridade: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste”, produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e defendida no ano de 2010, sob orientação do Prof. Dr. José Willington Germano, Titular do Departamento de Ciências Sociais.

⁹⁷ Doutora em Ciências Sociais, Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais do Campus IV – Universidade Federal da Paraíba. osicleide@ccae.ufpb.br

⁹⁸ Este é o nome de batismo do Padre Ibiapina; no entanto ele adotou o nome *Maria* em substituição ao *Pereira* quando se tornou religioso, ficando conhecido então como José Antônio de Maria Ibiapina; a adoção do “Maria” é uma referência à Maria, mãe de Jesus. Iremos nos referir ao Padre, daqui para frente, como Padre Ibiapina ou José Antônio de Maria Ibiapina.

Juntando a decepção
Desse amor desventurado,
O pai condenado à morte
E o irmão degredado
Pra Fernando de Norronha
Essa lembrança medonha
Esteve sempre ao seu lado.

A mãe morta logo cedo
Talvez por tanta amargura;
Ao fechar seu coração
Para o amor carnal jura
Que estava optando ali
Em vez de amar só para si
Amar toda criatura.

Contava 47 anos quando iniciou a vida sacerdotal
E o Nordeste ganhou
Um grande obreiro e um Santo
Fato provado como tanto de obras que semeou.
Naqueles tempos difíceis
De medicina precária
Alguns morriam de cólera
Outros de tifo e malária
Até o reles sarampo
Atacava vila e campo
Com fúria extraordinária.

O Padre Ibiapina peregrinou por cinco Estados da região Nordeste construindo açudes, cemitérios, capelas, cacimbas, igrejas e Casas de Caridade. Suas obras, suas missões por vilas e cidades, e a lembrança de sua presença permanecem na memória popular e podem ser observadas através de uma visita ao Santuário de Santa Fé, localizado no brejo paraibano, no município de Solânea. O Santuário reúne a antiga Casa de Caridade de Santa Fé, a casa onde o Padre Ibiapina morou seus últimos anos de vida e onde ele morreu, além de uma igreja, um museu, uma pequena capela que guarda seus restos mortais, a casa que abrigava as beatas⁹⁹ e outros prédios anexos construídos posteriormente. Também conhecido como *Santuário do Padre*

⁹⁹ Segundo Hoornaert (1991, p.170, grifos do autor), Beato ou Beata é o “tipo de cristão engajado na “via peregrina” ou no cristianismo itinerante. É também chamado “devoto” ou “romeiro”. Foi marginalizado pela romanização.” É neste sentido que usamos o termo no texto, referindo-nos aos seguidores devotos do Padre Ibiapina.

Ibiapina – o lugar recebe devotos vindos de vários Estados do país e das cidades e arredores vizinhos. Os romeiros vão até o local agradecer por curas supostamente obtidas graças à fé no Padre Ibiapina, pagar promessas e orar pelo missionário que é considerado um santo pelas populações locais.¹⁰⁰

As Casas de Caridade figuram como suas principais obras e totalizam vinte e duas. As idéias iniciais do projeto de pesquisa da nossa tese tiveram início ainda durante nossos estudos para a dissertação do mestrado¹⁰¹, no momento em que tomamos conhecimento da existência destas instituições. O pouco que conhecíamos delas bem como deste “peregrino da caridade”, como é chamado pelo Cônego F. Sadoc de Araújo, outro importante biógrafo, restringia-se a algumas indicações obtidas a partir de um trabalho acadêmico produzido no Estado da Paraíba¹⁰².

Imediatamente chamou nossa atenção o modelo empregado nestas instituições, de orientação, regulação, moralização dos acolhidos através do trabalho – categoria que assumia um valor positivo, no contexto de uma sociedade ainda escravocrata; num tempo em que parecia muito incipiente pensar uma educação para o trabalho.

Este modelo nos levou a considerar inicialmente que a mobilização popular que o missionário provocava por onde passava, bem como suas ações de moralização, orientadas pelos preceitos religiosos cristãos, possuíam um caráter moderno e eram marcadas por uma valorização do trabalho e pela construção de um modelo de ordenação social ancorado nas noções de civilidade, regularidade, disciplina, moralidade e utilidade social. Dentro das

¹⁰⁰ A Organização da Sociedade Civil e de Interesse Público (OSCIP) Para'íwa juntamente com a PBTur e o SEBRAE, com a colaboração do governo do Estado criaram em 2004 um projeto intitulado “Os caminhos do Padre Ibiapina”. O roteiro ecológico e religioso de peregrinação, inspirado no espanhol Caminho de Santiago de Compostela, passa por localidades como Guarabira (PB) e Bananeiras (PB) e outros municípios e leva ao Santuário de Santa Fé. O roteiro turístico tem servido para muitos romeiros visitarem e conhecerem a história do Padre Ibiapina.

¹⁰¹ BEZERRA, Osicleide de L. “Vai trabalhar, vagabundo”: valores e representações sobre o trabalho. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. A dissertação teve como objeto de estudo a ética do trabalho, compreendida enquanto expressão de um padrão de conduta que se manifesta no imaginário social tornava-se elemento capaz de regular moralmente as relações e valores, produzindo códigos definidores de comportamentos aceitos.

¹⁰² DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *A maldição do trabalho*: homens pobres, mendigos, ladrões no imaginário das elites nordestinas: 1850-1930. 174 p. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1988.

suas instituições o trabalho era considerado um elemento disciplinador e purificador, capaz de atalhar a ociosidade, “perigosa inimiga da alma”.

Partindo da prerrogativa acima buscamos investigar o processo de educação, moralização e disciplinamento dos pobres dos sertões do Nordeste, na segunda metade do século XIX, através da incorporação dos valores do trabalho produtivo. Para tanto, tomamos as missões do Padre Ibiapina e todo conjunto de sua obra, destacadamente as Casas de Caridade, como campo de pesquisa já que nos parecia exemplo deste processo. Partimos neste momento do *argumento central* de que as *Casas de Caridade* bem como as ações do missionário de modo geral, aproximavam-se dos preceitos de uma moderna ética do trabalho, e se articulariam ao processo mais geral de aprendizagem das relações sociais de produção, na medida em que se apresentaram na história como agentes de transformação dos pobres e miseráveis, potenciais ameaças ao tecido social, em trabalhadores ordeiros e produtivos. Tais instituições e ações que representam a vida e obra do missionário Ibiapina, na medida em que foram idealizadas e geridas como espaços de supressão da pobreza, do ócio, da imoralidade e da desocupação, teriam também promovido a disseminação deste conjunto de valores.

Contudo, ao longo da construção da pesquisa muitas questões surgiram e outras se tornaram mais complexas. Embora as ações do Padre Ibiapina tenham tido sua participação no processo de *educação, moralização e disciplinamento dos pobres dos sertões do Nordeste* e possam ser caracterizadas também como ações modernas para a época, elas não podem ser analisadas somente a partir destas prerrogativas assim como a ética do trabalho executada nas instituições do missionário e apregoada em suas missões. Além disto, o conceito de modernidade não pode ser considerado, no caso do caráter moderno das ações do Padre Ibiapina, de forma totalizante. Nossas análises, portanto, não são redutíveis a este conceito. Afinal, a modernidade não havia chegado por aqui rompendo com referenciais tradicionais, substituindo-os por modelos impessoais e racionalizados. A chegada das idéias modernas e liberais econômicas no país não significou a adoção de um novo modelo ou estilo de vida conforme o que se estabelecia na Europa desde o século XVII (Giddens, 1991). Apesar disto, fazemos referência

no trabalho aos ecos que a modernidade capitalista já havia provocado por aqui.

Podemos afirmar que a ética do trabalho que conduzia as ações do Padre Ibiapina partia, de fato, de uma valorização desta categoria. A função do trabalho e a centralidade que alcançou na pedagogia de educação e moralização empregada nas Casas de Caridade e vista na obra do missionário como um todo, se aproxima em alguns aspectos dos preceitos modernos de valorização do trabalho produtivo. Mas, para além de nossas idéias iniciais, esta ética se inscreveu historicamente num contexto sócio-econômico nacional marcado por uma ordem paradoxal, que continha ao mesmo tempo elementos modernos e tradicionais. Conflitos econômicos, sociais, políticos e ideológicos decorriam das tensões existentes entre um liberalismo econômico e um conservadorismo colonial escravista. As reflexões de Alfredo Bosi (1992), desenvolvidas na *Dialética da colonização* são fundamentais para pensar estas questões.

Enquanto nas áreas mais dinâmicas economicamente do país respiravam-se os anseios deste liberalismo e da modernidade a qual nos referimos, nos sertões da região Nordeste, onde atuou o Padre Ibiapina, se alastravam as doenças e crescia a pobreza causada pelas secas. Neste ínterim, configurou-se uma ética do trabalho com práticas de organização e funcionamento racionalizadas, que se aproximava da ética produtivista moderna, mas que, simultaneamente, também exprimia motivações cristãs tradicionais, se voltava para a pobreza a fim de remediá-la.

A consideração do cenário nacional e local nos leva a destacar ainda que, diferentemente do que começava a ocorrer nesta época, a pobreza era considerada pelo missionário um problema a ser remediado não por ser uma ameaça ao sistema, portanto, não por ser um problema da modernidade – enquanto ameaça à ordem social. Mas, principalmente, por ser considerada geradora de flagelo e de indignidade. Deste modo, ele empreendeu ações *sobre* a pobreza através do trabalho, as quais deveriam também se constituir como ações oriundas dos pobres (orientados pelas pregações, pela educação moral), no sentido de se produzir uma existência material e social dentro dos parâmetros que o “pai espiritual” Ibiapina considerava razoável.

Os temas da pobreza e do trabalho, “palavras-chaves” que fizeram parte da história de vida e da obra do Padre Ibiapina, têm destaque em função de uma prerrogativa importante: a partir do que se convencionou chamar de modernidade, a pobreza torna-se um imbróglio a ser resolvido através do trabalho. A questão sai da órbita da Igreja Católica e se torna questão pública. Tendo chegado a ser considerada um valor espiritual na idade média cristã, torna-se então, um estado indigno, que remete ao ócio, à vagabundagem e à improdutividade. Daí a corrida para ocupar todos os pobres capazes em trabalhadores úteis, o que ocorreu em todo o mundo conforme se instaurava a dinâmica econômica produtivista.

Mas, além disso, a tese também deu destaque ao que pode configurar um “dado” novo ao conhecimento: quem foi o Padre Ibiapina, o que significou a sua obra, o que ficou dela. Senão podemos falar em dado “novo”, podemos ao menos dizer, com certeza, um dado ainda a ser desvelado, esmiuçado cautelosamente, e, sobretudo, organizado. Isto porque o que se conhece, de fato, documentalmente, a respeito do missionário, deriva principalmente de esforços isolados de alguns investigadores, muitas vezes religiosos, dedicados à história do Padre, a qual tem sobrevivido nas notas de rodapé de um Nordeste antigo, ou na mitificação e santificação popular ainda viva através da oralidade. Na medida em que nos voltamos para o estudo da vida e obra do Padre Ibiapina, algumas problemáticas relacionadas à sua atuação e ao seu pensamento se apresentaram; nem todas, infelizmente, pudemos responder categoricamente. Nossas aproximações são limitadas pela condição historiográfica e temporal da pesquisa; mas também porque toda leitura não deixa de ser uma interpretação autoral. Embora tenhamos tentado nos cercar das mediações necessárias para construir as questões e tentar respondê-las, não deixamos de ter em mente os obstáculos epistemológicos e empíricos existentes.

Entendemos como *a obra* deste missionário desde o conjunto de suas ações de atenção aos pobres, aos miseráveis, e aos órfãos, a construção dos açudes, igrejas, cemitérios, hospitais, etc., até a construção das vinte e duas (22) Casas de Caridade, erguidas durante suas missões por cinco Estados da atual região do Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba e Pernambuco. Atribui-se ainda, ao peregrino, a fundação do jornal A Voz da

Religião no Cariri¹⁰³ e a fundação de vários municípios, que contam em suas histórias de fundação com a mobilização promovida pelo Padre Ibiapina durante suas missões populares.

As missões do Padre Ibiapina pelas vilas e cidades eram eventos de forte mobilização das populações através dos rituais religiosos e dos mutirões de trabalho organizados para a execução das inúmeras construções. Suas ações se caracterizam por uma religiosidade popular e erudita ao mesmo tempo. Ele socorria através da caridade cristã os sertanejos do Nordeste, ao mesmo tempo em que executava ideais de civismo e produtividade. O período em que atuou o Padre Ibiapina, de 1856 até 1883, cerca de 27 anos, remete à miserabilidade e ao flagelo social ocasionados pelas sucessivas secas ocorridas nos sertões, que provocavam movimentos migratórios em direção às províncias. O afluxo de miseráveis que começava a se concentrar nas cidades passava a significar uma ameaça à ordem social. O contexto demandava a fundação de um novo estado de valores civilizadores e reguladores, que deveria ser aplicado às camadas mais pobres, evitando-se assim a improdutividade, a ineficiência, a inutilidade, a indisciplina, a imoralidade – adjetivos associados aos desocupados e ociosos e àqueles que não trabalhavam. Além disso, tornava-se urgente o atendimento das necessidades mais básicas das populações atingidas pelas secas e pela miséria: fome, pobreza extrema, abandono das autoridades públicas. Neste contexto começava a se ensejar a elaboração e execução por parte das autoridades de todo um conjunto de práticas de confinamento e perseguição de pessoas pobres e a observação dos considerados incapazes para o trabalho. Deste movimento farão parte em maior ou menor escala de participação, não só os poderes públicos, mas também, posteriormente, a igreja católica, que já não dava conta de atender a pobreza crescente em nome da caridade cristã.

TRILHAS METODOLÓGICAS

Nossa pesquisa demandou naturalmente um esforço de busca e investigação sobre documentos, além de visitas ao principal local de

¹⁰³ O Jornal publicou suas edições dentre os anos de 1868 e 1870.

recebimento de devotos do padre Ibiapina – o Santuário de Santa Fé, entrevistas com o reitor do santuário e com uma das freiras lá residente e conversas informais com fiéis. Quanto às fontes bibliográficas e documentais, todas as publicações sobre o tema, de vários autores, interessados e curiosos, religiosos ou não, que escreveram sobre a ação missionária do Padre Ibiapina, constituíram para nós verdadeiros dados de pesquisa, dada a dificuldade para reuni-los e às muitas lacunas percebidas no que diz respeito ao registro oficial da história que buscamos.

Utilizamos métodos qualitativos de análise diante da natureza sócio-histórica da pesquisa. Privilegiamos a análise documental dos relatos das missões, do Estatuto e do Regimento que ordenavam o funcionamento das Casas de Caridade e as principais biografias escritas sobre o Padre Ibiapina. Nosso período de estudo foi definido conforme o período de instituição e funcionamento das Casas de Caridade, de 1856 a 1883, fase que concentra o período de 27 anos de atuação do missionário.

Inicialmente pressupomos a existência de um campo vasto de informações nos institutos históricos, Casas Paroquiais e Dioceses. Infelizmente nos damos conta dos poucos registros existentes; e, o que é mais complicado, da dispersão dos registros. Após a morte do Padre Ibiapina, em 1883, sua obra não teve continuação. A maioria das instituições por ele criada foi mantida ainda por alguns anos, mas não resistiram ao tempo¹⁰⁴. Poucos documentos também foram preservados. O que existe de publicação biográfica sobre o Padre teve como referência os mesmos registros existentes, produzidos por beatos e beatas que conviveram com o missionário e as diferenças ficam por conta das publicações e edições dos textos. Além disso, nos deparamos com outro problema lamentável: os livros e documentos publicados ao longo do século XX que atestam esse pedaço de história dos sertões do Nordeste não voltaram a ser publicados nos últimos anos. As

¹⁰⁴ Podemos citar exceções como é o caso da Fundação Padre Ibiapina, localizada no Crato (CE). Esta instituição foi fundada em 1868 sob o nome de Casa de Caridade do Crato, pelo missionário Ibiapina. A partir de 1966 ela assumiu nova designação e hoje é uma entidade sócio-educacional ligada à Diocese do Crato. A Casa de Caridade de Santa Fé (PB), local onde o Padre viveu e morreu, também resiste ao tempo, hoje funciona o Santuário de Santa Fé no local em sua homenagem. Outras foram transformadas em escolas e funcionam com novas denominações e muitas foram derrubadas e deram lugar a outras construções.

edições encontradas, tendo muitas obras importantes já quase trinta anos, não são facilmente localizadas e se tornaram, por si só, documentos de pesquisa.

O lugar que hoje concentra as informações sobre o missionário é o Santuário de Santa Fé. O Padre Josephus Floren, 67 anos, conhecido como Padre José, é hoje o Reitor do Santuário; ele celebra as missas e é o responsável pelo acervo de informações. Em uma de nossas visitas ao local, o Padre José nos recebeu e nos colocou a disposição todo o arquivo documental disponível. É importante registrar o empenho do Padre José, que juntamente com outras pessoas, vem reunindo e guardando todos os tipos de documentos, publicações, livros, artigos, teses, dissertações, monografias, recortes de jornais, e muitos outros tipos de documentos que façam referência ao padre Ibiapina. Um trabalho começado por outros religiosos, como Dom Antônio Muniz (1952)¹⁰⁵, Dom Marcelo Pinto Carvalheira (1928)¹⁰⁶, e continuado pelo Padre José, sem nenhum tipo de recurso ou apoio público local.

ESTRUTURA DA TESE

A tese desenvolvida organizou-se em duas partes. Na primeira parte que trata dos temas da *Pobreza, caridade e trabalho* analisamos os discursos e atitudes sobre o pobre e a pobreza na idade média (a pobreza sob a óptica do discurso religioso – o discurso da caridade; a caridade para com os pobres como meio de salvação), chegando à análise de como o trabalho tornou-se na modernidade capitalista uma categoria moralizadora e o principal meio para se resolver e prevenir os problemas causados pelo estado da pobreza de número crescente da população. Esta solução para a pobreza baseada na ética do trabalho foi a base das ações do Padre Ibiapina. Também analisamos brevemente como o tema se apresenta no século XX, a partir da relação com o conceito de exclusão, indicamos nossa compreensão sobre o conceito e terminamos buscando refletir sobre o modo como o Padre Ibiapina concebia a pobreza. Na seqüência, a tese destaca o contexto nacional e local na segunda

¹⁰⁵ Atual arcebispo de Maceió. Foi ordenado Bispo na cidade de Olinda (PE) em 1988; foi Bispo de Guarabira (PB) de 1998 a 2006, vice-presidente da CNBB (2003 - 2007).

¹⁰⁶ Arcebispo emérito da Paraíba. Importante figura da Igreja Católica regional, Dom Marcelo Pinto Carvalheira foi perseguido durante a ditadura militar por defender líderes católicos; chegou a ser preso e torturado na época. Foi um importante colaborador de Dom Hélder Câmara.

metade do século XIX: um país ainda estruturado sob a ordem colonial escravista e com anseios liberais. E o sertão nordestino marcado pelas secas, por uma dinâmica social, econômica e política diferente e distante das principais províncias e do império brasileiro na época. Apontamos que a ordem social constituía-se, do ponto de vista econômico, político e social sob princípios paradoxais: entre um conservadorismo tradicional e o liberalismo moderno (com aspectos conservadores). A ética do trabalho posta em prática pelo Padre Ibiapina se inscreve nesta ordem de tensões.

Na segunda parte da tese tratamos dos traços biográficos do Padre Ibiapina, das missões e da experiência religiosa produzida pelo missionário. Fazendo análise das missões, destacamos sua obra, a história registrada nos poucos documentos existentes que relatam como foram construídas as vinte e duas Casas de Caridade, como eram as peregrinações do Padre Ibiapina pelos Estados, como conseguia mobilizar recursos, e, sobretudo, como ele almejava educar e moralizar os miseráveis dos sertões, que não contavam com qualquer assistência pública, com quaisquer mobilizações políticas de peso no período. A análise do conjunto de sua obra indica como sua ação missionária esteve profundamente arraigada na ética do trabalho, a qual se espraiava moralmente em seus discursos e orientava a organização e funcionamento de suas instituições. Outra questão fundamental desenvolvida na tese foi a relação entre o Padre Ibiapina e a Igreja Católica Oficial no período. Esta relação merecia uma análise, pois era pré-condição para respondermos às seguintes perguntas: Por que a igreja não deu continuidade ao projeto empreendido pelo missionário? O que aconteceu após sua morte e como ficaram as Casas de Caridade e as beatas? A Igreja católica, ocupada na virada do século XIX para o século XX com o combate ao catolicismo de feições populares e não oficial, e preocupada com o asseguramento de um modelo hegemônico, deixou para o esquecimento a obra do Padre Ibiapina, a qual se aproximava de um projeto de catolicismo popular, já que se voltava para a realidade das populações pobres e iletradas, que percebiam a muita distância as práticas da Igreja Católica oficial no período. Esta postura de omissão, por parte da Igreja Católica românica, frente às ações do missionário, revela o potencial de conflito, mesmo que latente, entre estes dois tipos de catolicismo.

Com relação ao sentido da experiência religiosa produzida pela atuação do missionário, tentamos abordar como ele conseguiu reunir, em seu pensamento e em suas práticas, os resquícios de uma moral e de uma ética cristã medieval, de apego aos pobres, à caridade, ao sofrimento, com um moderno modelo de resolução dos problemas urgentes da população sertaneja miserável que ele atendia e de organização do cotidiano em suas Casas de Caridade. Ao lado do sentido religioso, constituiu-se uma experiência social pragmática de organização da vida. Estas questões são refletidas à luz dos escritos do clássico Max Weber (2004; 1982; 2009), referência fundamental e indispensável que se somou a outras indicações bibliográficas importantes acerca da religião e da religiosidade.

A propósito do caráter sócio-histórico da pesquisa, tentamos adotar a seguinte postura: não se trata aqui de reescrever nem de rever a história, mas de a reler, “isto é, produzir, com dados pelos quais se é inteiramente devedor aos historiadores, um *outro* texto” (CASTEL, Robert, 2001, p.29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

O estudo sobre as ações missionárias do Padre Ibiapina pelos Sertões do Nordeste trouxe de destaque a uma experiência de atendimento à pobreza baseada na caridade cristã, de inspiração medievalista, e construída sob princípios racionais e metódicos de trabalho. Uma experiência que conjugou elementos heterogêneos e para pensá-los consideramos a relação o homem e sua obra.

As imagens iconográficas do Padre Ibiapina nos remetem a uma percepção severa do padre. Uma severidade que transparece como um traço de sua personalidade, revelada em suas ações decisivas e sempre decididas. Ibiapina, ao mesmo tempo, era chamado por seus seguidores de “Pai”. O que nos mostra que foi também um sacerdote que possuía mais que o traço da severidade e da austeridade. Era um “pai” enquanto um orientador, investido de autoridade paterna, o apontador do destino, e um “pai” enquanto uma figura que traz proteção, que guarda seus filhos. Tendo cumprido seu papel de moralizador, foi também um “pai” dedicado à educação moral. Mas, sobretudo,

sua imagem esteve vinculada à proteção, o que o torna um padre assemelhado a um suposto pai bondoso.

Uma aura mágica cercava o sacerdote Ibiapina, aos olhos do povo que o seguia em suas missões. Weber (2000), analisando as distinções, que segundo ele são fluidas, entre o mago e o sacerdote, afirma que este último assume uma função cuja principal característica é o pertencimento a uma instituição religiosa e o compromisso deste com a instituição que representa, portanto, o sacerdote está vinculado aos valores e à visão de mundo da instituição que lhe abriga. Já o mago, por sua vez, é detentor de um poder especial, o carisma. Semelhante ao profeta, o mago age em função de um carisma pessoal, a despeito de qualquer ligação institucional. O Padre Ibiapina foi um sacerdote, na expressão literal e formal, não apenas por sua vinculação à Igreja Católica, mas porque foi um propagador dos valores e da moral religiosa cristã. Ao mesmo tempo era reconhecido como portador de qualidades especiais que o tornariam capaz de operar milagres. O missionário talvez possa, portanto, ser compreendido a partir dos dois *tipos*: o mago e o sacerdote. Contudo essa dupla identificação só pode ser feita a partir do reconhecimento dos sentimentos de fé e adoração emanados do povo. Ele próprio, pelo que pudemos constatar dos documentos e biografias que conhecemos, não manifestou em vida qualquer expectativa deste comportamento. Seu espírito religioso esteve voltado para execuções pragmáticas de ações de atendimento à pobreza. O que produziu uma racionalização da vida religiosa, a qual se aliava ao sentido “mágico” que representava sua presença como milagreiro e “pai” espiritual da população sertaneja.

Mas sua obra ao mesmo tempo em que representa intervenção, movimentação sobre a realidade, também continha elementos de estagnação e conformismo. Nisto ele revela seus aspectos conservadores. O projeto de Ibiapina não era profético, conforme a análise weberiana do que configura um profeta (também em distinção ao mago e ao sacerdote). Neste sentido, o missionário Ibiapina se distancia de figuras como Antônio Conselheiro e como o Beato Zé Lourenço, idealizador da Comunidade do Caldeirão. Suas intenções não se voltavam para a instauração de uma nova ordem social, mas sim para a integração social, conservando a ordem estabelecida, daí a importância dada a disciplina, obtida através do trabalho. Seu pensamento e sua visão de mundo

emanados da doutrina religiosa cristã tornava-o plenamente resignado com a existência da pobreza, com as atribulações terrenas, com as dificuldades sociais, econômicas e de toda ordem que fossem vividas, por serem atribuídas ao desejo divino, no fim das contas. No sentimento religioso ele encontrava o conforto para a aceitação deste mundo. Mas a aceitação da pobreza como vontades divinas não significou puro imobilismo, posto que ele aceitava este mundo, ao mesmo tempo em que entendia que era quase uma obrigação também do desejo divino reagir a tais dificuldades, o que se daria através do trabalho e da oração – que se converteriam em dedicação à Deus. A ambivalência deste posicionamento torna complexa a resposta a uma questão fundamental: ele questiona a ordem social vigente? A resposta rápida e simples é *não*. Mas esta pergunta toma como pressuposto uma definição do que seria a ordem social vigente, para ele e para as comunidades que ele atendia: a *ordem vigente* seria a realidade política, econômica e social que configurava o tempo em que essas pessoas viveram, a qual era marcada por um alheamento das ações políticas governamentais. O império brasileiro, como vimos, pouquíssima atenção dispensava aos sertanejos do Nordeste. A *ordem vigente* também se definia pelas marcas do escravismo no cenário nacional, pela pobreza que se acumulava nas províncias, por um sertão seco e abandonado.

Ibiapina não questionou o escravismo, não contestou o governo. Neste sentido, ele não questionou a ordem vigente. Ele até se mostrou conformado e resignado com ela. Ao mesmo tempo, como já dissemos, sua obra constituiu um tipo de ação sobre esta realidade. Tal como foi complexo este personagem, também é complexo o caráter desta ação. Por isso não podemos encerrar a questão acerca do questionamento da ordem vigente nos termos postos acima. Fazendo o exercício de pensar a “ordem social” de forma um pouco mais ampla, voltaremos ao personagem desta história que não foi um herói moderno, nem foi somente um conservador. Observando sua história de vida, devemos destacar que ele recusou a advocacia, a vida pública, a inserção direta na política institucional da época; posteriormente também vai renunciar à carreira eclesiástica, pois opta por andar pelos sertões em vez de permanecer nos quadros da Igreja oficial em Pernambuco.

Deste ponto de vista, Ibiapina recusou a ordem moderna do mundo. Suas reflexões sobre a felicidade são permeadas de advertências com relação aos “gozos” que a modernidade prometia: cargos, bens, honras e glórias, riquezas, vaidades, o “gozo” obtido através da própria ação humana, a idéia de que o próprio Homem é senhor do destino e molda o mundo. Mas a recusa de Ibiapina a “este mundo”, e, portanto às promessas de felicidade deste mundo foi, sobretudo, uma reação a este mundo. Seu movimento reativo talvez tenha se dado no momento em que ele se isola por três anos, antes de tornar-se padre, naquilo que seus principais biógrafos chamaram de “retiro espiritual”. Mas certamente a anulação e o isolamento não lhe bastaram. Ele se torna padre posteriormente e parece encontrar sentido e escape na religião; encontra outro tipo de promessa de felicidade que lhe cabia porque não se relacionava somente com o plano terreno, com o qual ele tivera diversos tipos de desilusões - políticas, econômicas, familiares e amorosas. Após ordenar-se sacerdote faz novamente uma renúncia e opta por circular num mundo rústico, próximo de uma gente pobre, iletrada e desassistida. Neste universo suas ações encontram eco. Ele poderia agir, pregar, orientar, moralizar, educar.

Suas peregrinações ocorrem longe dos centros de irradiação de modernidade na época, distancia-se das províncias localizadas no litoral da região. Optando pelos sertões, ele dá início à construção de uma obra que tinha como uma das marcas principais o trabalho útil, racional, metódico. Vejamos o tratamento que ele deu para a pobreza: ela deveria ser remediada, pois era concebida como fenômeno negativo e degradante que deveria ser sanado, mas também era, simultaneamente, o motivo da caridade e do sentimento cristão de piedade, conforme a ética medieval apregoava. E o remédio era o trabalho, vivido dentro de um modelo de ação racional e metódico.

Podemos dizer, portanto, que os ecos da nova ordem moderna chegavam ao espírito do Padre Ibiapina: através da valorização de uma cultura do trabalho, da negação do ócio e do desperdício do tempo (que poderia ser convertido em tempo “produtivo”), e da valorização da disciplina. Isto não significa dizer que as ações de Ibiapina nos Sertões secos do Nordeste significaram células de implantação do modelo de produção capitalista e

produtivista; o que podemos falar é que há afinidades entre suas ações e uma ética do trabalho que respirava estes ventos modernos.

Podemos afirmar que as ações do Padre Ibiapina se conectam, sob uma óptica geral, ao amplo processo de educação, moralização e disciplinamento da população pobre, que começa no Brasil ainda no século XIX, embora de forma muito incipiente. Já que aqui predominavam relações de trabalho que exprimiam tanto a ética escravista quanto a ética moderna do trabalho livre, sob os moldes produtivistas. Para isto, a valorização do trabalho foi fundamental. Mas, a análise da *ética do trabalho presente nas ações do Padre Ibiapina deve considerar que, para além do aspecto moderno, que identificamos no início da pesquisa, ela se inscreve numa ordem tensionada e se destaca como uma ética que reuniu elementos distintos e contraditórios à primeira vista. Não era exatamente a ética moderna do trabalho capitalista, mas também não foi uma ética tradicional pura.* Embora no plano econômico e político nacional a convivência de elementos modernos com elementos conservadores tradicionais revele tensões, no caso particular das ações de Ibiapina não havia fortes tensões na convivência destes elementos distintos, portanto, não se revelaram contradições. Constituiu-se o modelo de um *paradoxo estático*. Ou seja, adaptaram-se neste modelo, ordens de pensamento e de ação distintas que se acomodaram. Vicejaram entre os resquícios do pensamento medieval cristão de atendimento à pobreza e a intervenção sobre a realidade. Foram ações caracterizadas pela motivação com o sentimento religioso de resignação e conformismo com os problemas; espera da morte; expectativa de regozijo noutra mundo, e, simultaneamente, busca de resolução dos problemas; cuidado com os doentes (nos hospitais), orações pela vida, missões festivas com músicas e mobilização popular (e, por vezes, contraditoriamente, destruição de instrumentos musicais nos rituais religiosos) e a busca de condições que garantissem uma existência considerada razoável, dentro dos parâmetros da época e conforme o pensamento do missionário, neste mundo.



REFERÊNCIAS

BEZERRA, Osicleide de Lima. **“Vai trabalhar, vagabundo”**: valores e representações sobre o trabalho. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **A maldição do trabalho**: homens pobres, mendigos, ladrões no imaginário das elites nordestinas: 1850-1930. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1988.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Tradução de Luís Claudio de Castro e Costa. 5ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. **As conseqüências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HOONAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe**: 1945-1995. O debate metodológico. Rio de Janeiro, 1995. CEHILA.

HOONAERT, Eduardo. **O Cristianismo moreno no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MARIZ, Celso. **Ibiapina**: um apóstolo do Nordeste. 3 ed., João Pessoa: Editora Universitária UFPB, Conselho Estadual de Cultura, 1997.

MONTEIRO, Manoel. **Padre Ibiapina: advogado, pastor e... Pai dos órfãos.** 1 ed., Campina Grande, PB: 2006. Literatura de Cordel.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão geral de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (edição comemorativa).

_____, **Ensaio de Sociologia.** 5ª ed., Tradução de Waltensir Dutra. Revisão de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.